

Amorim de Carvalho e Delfim Santos

Mourão Jorge

[Filipe Delfim Santos, org. (2011) *Amorim de Carvalho e Delfim Santos*, Lisboa: Arquivo Delfim Santos, 36 pp.]

O Arquivo Delfim Santos tem levado a cabo, por si próprio ou em parceria, a edição da correspondência de Delfim Santos com diferentes autores nacionais e estrangeiros, privilegiando sempre que possível a publicação conjunta das duas vozes do diálogo. O livro *Amorim de Carvalho e Delfim Santos*, organizado por Filipe Delfim Santos, nasceu dos dois enunciados anteriores. A publicação é resultado da parceria entre a Casa Amorim de Carvalho e o Arquivo Delfim Santos e publica as cartas trocadas pelos dois filósofos de 1947 a 1959 e está unicamente disponível online no site <http://www.delfimsantos.com>. É um livro pequeno – trinta e seis páginas – e despretensioso. Além das cartas, o organizador juntou a resenha que Amorim de Carvalho escreveu sobre o livro *Fundamentação Existencial da Pedagogia* de Delfim Santos e um pequeno guião de leitura da correspondência, da autoria de Júlio Amorim de Carvalho. O trabalho é, portanto, fruto de três encontros. O dos dois autores portuenses no passado; o dos seus filhos e respetivos espólios no presente.

Ao todo o leitor encontrará 18 cartas, nove de cada um dos correspondentes. A nosso ver, são dois os interesses maiores da publicação e leitura desta correspondência agora editada: (1) os apontamentos críticos a textos publicados pelos autores que se descobrem quer nas cartas de Delfim Santos (1907-1966), quer nas cartas de Amorim de Carvalho (1904-1976); e (2) relembrar dois autores da história da cultura portuguesa com obra significativa e original.

Se Delfim Santos é nome destacado, pelo menos entre a comunidade filosófica e das ciências pedagógicas portuguesas, já igual sorte não tem tido o nome de Amorim de Carvalho, que tem estado relativamente olvidado. Na

*História do Pensamento Filosófico Português*³ apenas António Braz Teixeira, a propósito das tertúlias organizadas por Álvaro Ribeiro em Lisboa, se refere ao seu nome de passagem. Tal ausência de visibilidade é certamente lamentável, sobretudo tendo em conta o pensamento estético desenvolvido por Amorim de Carvalho e o facto de não haver nenhuma entrada sobre estética nos volumes desta série dedicados ao pensamento contemporâneo.

Amorim de Carvalho defendeu na Sorbonne, em 1970, uma tese de doutoramento intitulada *De la connaissance en général à la connaissance esthétique*. Na tese de doutoramento o autor português expõe e sistematiza o pensamento que fora amadurecendo, desde os anos trinta e quarenta, em torno da ideia de uma estética e crítica positivista. Mas não se fica pela tese de doutoramento a sua obra filosófica. Merecem ainda estudo e atenção os livros *Deus e o homem na poesia e na filosofia*, de 1958; *O positivismo metafísico de Sampaio Bruno*, de 1960; *Fidelino: um filósofo da transitoriedade*, de 1974; *Estética e teoria da arte*, obra escrita nos anos trinta e publicada postumamente em 2004.

Amorim de Carvalho foi um autodidata de vasto saber e cultura que construiu uma obra também ela vasta na qualidade e nos géneros. Além de textos filosóficos, escreveu poesia, conto, romance e crítica literária. No campo da crítica, marcado pela ideia de que não se pode fazer o estudo da literatura sem uma crítica objetiva, o seu trabalho principal é o *Tratado de Versificação Portuguesa* publicado pela primeira vez em 1941. Amorim de Carvalho foi, pois, escritor, poeta, crítico literário, filósofo. Fundou a revista *Prometeu* (1947-1952) refundando a anterior *Portucale* de que fora um dos diretores. Relacionou-se com Delfim Santos mas também com muitos outros autores nacionais, por exemplo Álvaro Ribeiro, José Marinho, Fidelino de Figueiredo. Em França relacionou-se com os conhecidos autores da estética Mikel Dufrenne e Étienne Souriau. Alguns estudiosos portugueses dedicaram-se ao estudo do seu pensamento e obra, concretamente Carlos Reis, Manuel Gama, Pinharanda Gomes, António José de Brito e Artur Manso.

³ - Org. Pedro CALAFATE, Lisboa: Caminho, 2000.

Julgamos que o livro *Amorim de Carvalho e Delfim Santos* cumprirá a sua razão de ser ajudando a despertar o interesse dos leitores para o estudo de um autor e de uma obra por redescobrir: recentemente, Júlio Amorim de Carvalho editou mais um texto inédito de Amorim de Carvalho: *Dos trovadores ao Orfeu: contribuição para o estudo do maneirismo na poesia portuguesa* (2012, 1ª edição póstuma).

Tendo em conta os dois interesses maiores da publicação do livro, lamentamos que ele se limite a apresentar os documentos sem um estudo aprofundado acerca da correspondência. O guião de leitura limita-se a enumerar os assuntos principais abordados nas cartas, mas sem qualquer problematização. Foi decerto intenção dos editores deixarem os autores falar por si, mas esse esforço é insuficiente para situarmos as suas ideias, que ganhariam com o desenvolvimento dos assuntos de maior relevância aflorados nas missivas. A título de exemplo: da carta de Delfim Santos para Amorim de Carvalho, de 02.06.1947:

Apreciei o capítulo ‘Origem psicológica da novelística’ e acho que, de facto, para bem se situar o que é a *crítica* é absolutamente necessário seguir o caminho que apontou. Acho urgente, para se evitar a confusão babeliana da crítica, que alguém se esforce por elaborar uma *Teoria da Crítica*. Reconheço que é isso mesmo que sente...;

A crítica, para ser crítica, terá de ser forçosamente dogmática, ou científica, ou qualquer outra coisa?? Acho que a crítica tem apenas de ser *crítica*... (10-11);

da carta de Amorim de Carvalho para Delfim Santos, de 06.07.1947:

A ideia de elaborar uma *teoria da crítica* conduz, desde há muito, o meu espírito, e os estudos publicados são, em grande parte, aplicações dessa teoria.

Que é a crítica? Sempre que a mim mesmo ponho este problema, que não consigo separar dum problema axiológico e de comunicabilidade, logo o seu carácter *dogmático* e *científico* se me apresenta, embora eu reconheça a dificuldade ou a

ARQUIVO DELFIM SANTOS

confusão com que a maioria dos críticos portugueses contemporâneos *compreende* esse caráter dogmático e científico, por motivo (creio) do pendor subjetivista de certa forma mental e filosófica, contra o que venho reagindo (12-13).

Aqui estaria um bom ponto de partida para a apresentação e discussão da teoria da crítica de Amorim de Carvalho e das suas ideias estéticas.

Esperemos que possa eventualmente nascer depois o complemento exegetico em falta. Em todo o caso é já um passo importante a publicação do livro *Amorim de Carvalho e Delfim Santos*, que deixa à disposição dos investigadores documentos que bem merecem atenção demorada.

Reproduzido de *Nova Águia* 11, Sintra: Zéfiro, 2013, 222-223,
com ligeiras correções e adições pelo autor.

